

## 5

### A tradução de DPs com múltipla modificação do inglês para o português

Conforme visto no capítulo anterior, a pré-modificação em língua inglesa é bastante variada e muito diferente da modificação mais comum em português, a pós-modificação (por APs e PPs). Dessa forma, a tradução desse tipo de estrutura traz à tona algumas dificuldades, que serão comentadas abaixo.

Este capítulo mostrará as estruturas utilizadas em português para a tradução de substantivos e adjetivos dos sintagmas em inglês. Além disso, o capítulo terá como foco a apresentação de aspectos que podem gerar dificuldades na tradução dos DPs complexos com múltipla modificação, que, por sua vez, são um dos fatores que acarretam custo envolvido no processo tradutório, que será abordado no capítulo 6.

#### 5.1

##### Os modificadores em inglês e as possíveis estruturas correspondentes na tradução para o português

Os modificadores adjetivos em inglês podem ser traduzidos para o português como adjetivos, sintagmas preposicionados ou por orações relativas. Por exemplo, o sintagma *cerebral hemorrhage* pode ser traduzido por “hemorragia **cerebral**”, “hemorragia **no cérebro**” ou “hemorragia **que ocorre no cérebro**”. *Occupational hazard* pode ser traduzido por “risco **profissional**”, “risco **da profissão**” ou, ainda, por “risco **decorrente da profissão**”.

DPs em inglês envolvendo modificadores substantivos podem ser traduzidos para o português por um único substantivo, como no caso de “**cacto**” para *cactus plant*; por um sintagma preposicionado, como “torta **de maçã**” para *apple pie*; por um adjetivo, como “voo **noturno**” para *night flight*; ou por orações relativas, como “abelha **produtora de/que produz mel**” para *honey bee* (Diniz, 2010).

Cumpramos ressaltar que, muitas vezes, há acréscimo de verbos, formando *small clauses*, de modo a tornar a estrutura mais natural em português. Por exemplo, para o DP *drug death*, a tradução “morte decorrente do uso de drogas”

seria mais natural em português do que simplesmente “morte por drogas”. Os acréscimos e as mudanças quanto à estrutura dos DPs traduzidos serão discutidos na análise do estudo inicial da pesquisa, no capítulo 7. Nas outras duas atividades experimentais deste trabalho, as preferências de ordenação dos modificadores (em especial com relação aos adjetivos, indicando se havia uma preferência pela adjacência do mesmo ao núcleo ou não) serão evidenciadas e discutidas. Conforme já citado, as três atividades experimentais serão apresentadas nos capítulos 7, 8 e 9.

Por ora, pode-se afirmar que a diversidade de estruturas possíveis para a tradução de DPs do inglês para o português talvez possa ser mais um complicador para o processo tradutório. Na seção a seguir, os possíveis fatores de dificuldade na tradução de DPs serão abordados.

## 5.2

### **As dificuldades enfrentadas na tradução de DPs com múltipla modificação do inglês para o português**

Os DPs complexos com dois ou três modificadores adjetivos, substantivos ou mistos podem causar dificuldades de tradução para o português por uma série de razões. Algumas delas serão mencionadas nas subseções a seguir.

#### 5.2.1

##### **A diferença de ordenação dos elementos na estrutura do DP complexo com múltipla modificação entre o inglês e o português**

A primeira dificuldade está relacionada à ordenação de núcleos e modificadores na estrutura do DP. Conforme apresentado no capítulo 4, em geral, nas línguas germânicas, a ordem é modificador(es) + núcleo (*steel plant* e *solar panel*) e, nas línguas românicas, a mais comum é núcleo + modificador(es) (“usina de aço” e “painel solar”, respectivamente), embora a combinação modificador(es) + núcleo também seja usada em determinadas situações, podendo ou não acarretar mudança de sentido entre um sintagma com adjetivos antepostos ou pospostos (“linda obra”/ “obra linda”).

De acordo com Tostes (2005: 19), a dificuldade apresentada na interpretação de alguns sintagmas em língua inglesa “está relacionada ao fato de

os mesmos contrariarem o padrão de organização interna do SN [ou DP, para utilizar a terminologia aqui adotada] em L1 (língua materna)”.

A posição dos modificadores varia de língua para língua e pode até ser mais flutuante em umas do que em outras, como é o caso das línguas românicas, se comparadas às germânicas. A variação da ordenação dos termos de um DP motivou uma série de pesquisas na área da Linguística Gerativa, que visa a justamente dar conta dessa diferença. Os trabalhos comentados a seguir abordam a diferença de ordenação dos adjetivos nas línguas.

Dentre as pesquisas sobre o tema, destacam-se o trabalho de Cinque (1993), que, conforme mencionado no capítulo 4, compara o DP das línguas românicas com o das línguas germânicas, tomando como base, principalmente, o italiano, o inglês e o alemão; a pesquisa de Alexiadou (2003), que cita os trabalhos de Cinque (1993) e de Laenzlinger (2000), além da pesquisa de Kayne (1994). Alexiadou mostra evidências do italiano, francês e romeno de um lado, e do inglês de outro, além de citar características importantes do grego e de outras línguas que podem auxiliar a explicar a diferença de ordenação entre os termos de um DP complexo. Há também o trabalho de Laenzlinger (2000), que discute as diferenças dos DPs das línguas latinas e germânicas, mostrando evidências do francês e do inglês.

Aqui também serão feitos comentários sobre os adjetivos em português, com base em trabalhos de Prim (2010), Perini et al. (1996) e Muller et al. (2002.), já que os trabalhos de Cinque, Alexiadou e Laenzlinger, apesar de trazerem evidências de línguas românicas, não discutem exemplos em português e raramente mencionam a língua.

É possível afirmar que Cinque (1993) defende que as línguas germânicas e românicas teriam os adjetivos na mesma posição, à esquerda de N e acima de NP. A distinção entre a pré-modificação nas línguas germânicas e a usual pós-modificação nas línguas românicas seria explicada pelo movimento de N para *n* (ou seja, para uma projeção funcional, que fica entre D e N) nas línguas românicas, conforme mostrado no exemplo a seguir:

DP[The *n*P [AP[blue NP[ball]]]]

DP[A *n*P [bola AP[azul NP[bola]]]]

Já Laenzlinger (2000) levanta diversas questões acerca da diferença de posição dos adjetivos atributivos nas línguas (em algumas, como o inglês, mandarim e finlandês, eles só ocorrem antes do núcleo; em outras, apenas na posição pós-nuclear, como em tailandês e irlandês, ou, ainda, nas duas posições, como nas línguas românicas). O autor defende uma explicação dentro da interface sintaxe-semântica, levando em consideração tanto propriedades estruturais dos adjetivos (posição e movimento dos adjetivos no DP) quanto propriedades semânticas (classe semântica dos adjetivos).

Por fim, Alexiadou, em seu trabalho intitulado *Adjective Syntax and (the absence of) noun raising in the DP* (2003), mostra evidências de que a posição de Cinque (a de que a presença ou ausência do alçamento de N para uma projeção funcional explicaria a ordenação dos adjetivos entre as línguas) não é suficiente para dar conta da diferença de ordenação de adjetivos entre as línguas. Também não é suficiente, segundo a autora, a proposta defendida por Kayne (1994) de que todos os adjetivos são gerados na posição predicativa dentro de uma oração relativa (reduzida ou não) e que a diferença de ordenação das palavras de um DP entre as línguas é resultado de movimentos de sintagmas variados. Por exemplo, para a ordem Adj. + N, haveria o movimento de AP para a posição do especificador de CP. Já para a ordem N + Adj., haveria o movimento de NP para a posição de especificador de CP, conforme indicado abaixo<sup>73</sup>:

- a) [DP D [CP AP<sub>j</sub> [IP NP t<sub>j</sub>]]]  
     the     red     ball
- b) [DP D [CP NP<sub>j</sub> [IP t<sub>j</sub> AP]]]  
     a       bola     vermelha

Para a autora, versões de ambas as teorias são necessárias para explicar a diferença de ordenação dos termos de um DP entre as línguas. Alexiadou (2003) afirma que a modificação adjetival está diretamente relacionada ao tipo semântico do adjetivo, o que significa dizer que, dependendo do tipo, ele é gerado na posição predicativa ou como especificador de um sintagma. A autora defende que tal diferença não está diretamente relacionada à distinção entre adjetivos predicativos e atributivos, e que o movimento de N para a posição de especificador de uma

<sup>73</sup> Os exemplos foram reproduzidos e adaptados de Alexiadou (2003).

projeção funcional não é a explicação fundamental para a diferença de ordenação entre os termos.

Em pesquisa sobre a posição dos adjetivos em língua portuguesa, Prim (2010) discute a hipótese do movimento do núcleo defendida por Cinque (1993) e apresenta uma análise mais recente de Cinque, de 2007, que aborda não mais o movimento do núcleo para explicar a diferença da posição dos adjetivos nas línguas germânicas e românicas, mas sim o movimento de constituintes. A principal contribuição de Prim (2010) é discutir as vantagens e desvantagens da hipótese do movimento do núcleo com base em evidências em língua portuguesa.

A hipótese de movimento do núcleo não dá conta de prover uma análise unificada para a semântica e sintaxe dos adjetivos pré- e pós-nominais, de explicar o inesperado espelhamento dos sintagmas nas línguas germânicas e românicas (*The most probable main cause of his death* > A causa principal mais provável de sua morte) e o escopo dos adjetivos pós-nominais (diferentemente do que se pensava, eles têm escopo sobre o adjetivo pré-nominal, como em “Les [présumés [[[professeurs] chinois] malhonnêtes]] > “Os supostos professores chineses desonestos”). Segundo Prim (2010: 68-69), “[n]a interpretação de escopo sugerida pelos colchetes, *malhonnêtes* (desonestos) pode ter escopo sobre *professeurs chinois* (professores chineses), enquanto estes todos estão sob o escopo de *présumés* (supostos)”.

Dessa forma, Cinque (2007) reviu a sua proposta inicial e considerou que os adjetivos entram na estrutura do DP de duas maneiras: como modificadores sintagmáticos diretos de núcleos funcionais de projeções estendidas de N (adjetivos de modificação direta, segundo o autor) ou como predicados de orações relativas reduzidas (adjetivos de modificação indireta). A ideia de que os adjetivos nas línguas germânicas e românicas surgem na mesma posição – pré-nome – permanece; no entanto, quando a posição dos adjetivos deve ser pós-nominal, há um movimento sintagmático diferente. Segundo Prim (2010: 102), a diferença de ordem entre adjetivos nas línguas germânicas e românicas é decorrente de movimentos que são motivados independentemente. “[N]as línguas românicas, o movimento deve ser do tipo ‘*roll up*’ [cada passo deve ter *pied piping*], isto é, exige *pied piping*<sup>74</sup> sucessivo do N e o AP que o c-comanda imediatamente”.

<sup>74</sup> Em Linguística, *pied-piping* é um fenômeno sintático em que, quando determinada expressão é movida, ela leva consigo todo o sintagma. Nesse caso, então, ao se mover, N levaria consigo o AP

Conforme fica evidente em muitos exemplos em língua portuguesa, há adjetivos que ocorrem tanto na posição predicativa quanto na posição de especificador (“homem grande” x “grande homem”), gerando leituras distintas. Segundo Cinque (2007: 3), a diferença do significado de alguns adjetivos dependendo da posição que ocupam pode se dever à possibilidade de eles serem usados tanto como modificadores diretos quanto como predicados de uma oração relativa reduzida, sendo que os diretos ocupam necessariamente a localização prénominal, restando a posição da oração relativa reduzida como a única fonte possível para os adjetivos pós-nominais.

Embora o foco desta pesquisa não seja relativo a aspectos semânticos, para poder analisar as escolhas feitas pelos tradutores, em especial no estudo inicial, foi preciso considerar questões que pudessem explicar a ordenação dos adjetivos em português.

Perini et al. defendem que há diferenças semânticas nítidas entre os adjetivos antepostos e os pospostos em língua portuguesa. Segundo os autores, “nos raros casos em que não se detectou nenhuma diferença, isso se deve a acidentes léxicos” (1996: 52). É importante ressaltar que há indícios de que a diferença decorrente da posição do adjetivo depende dos traços semânticos dos itens envolvidos. A vasta literatura sobre o assunto propõe alguns critérios semânticos para dar conta da diferença entre a anteposição e a posposição. Dentre esses critérios estão a expectativa, a intensão ou extensão do adjetivo, ou ainda a sua restritividade ou não restritividade. Perini et al. acreditam que nenhum desses critérios dê conta sozinho de explicar a diferença semântica entre uma posição e outra, visto que a questão é complexa. De acordo com os autores, quando se antepõe “rico” a “comerciante” em “um rico comerciante”, por exemplo, o adjetivo “rico” satisfaz à expectativa de que “comerciantes” possivelmente sejam ricos. Já o sintagma “um rico professor” causaria estranheza, pois não se tem a expectativa de que professores sejam ricos. As expectativas “governariam a possibilidade de ocorrência anteposta de itens como cruel, rico e musculoso” (1996: 63).

---

dominante. O termo *pied-piping* foi cunhado por Ross (1967), baseado em um conto de fadas tradicional em que um flautista (um *pied-piper*) foi chamado para acabar com a infestação de ratos na aldeia de Hamelin, na Alemanha. Com seu instrumento, atraiu todos os ratos da aldeia até um rio, onde se afogaram. No entanto, como a aldeia recusou-se a pagá-lo pelo serviço, ele atraiu, com a flauta, todas as crianças, que nunca mais foram vistas.

Em “um grande homem” x “um homem grande”, pode-se explicar a diferença em termos da intensão e da extensão dos adjetivos. No primeiro exemplo, “grande” predica a intensão de “homem”: “trata-se de alguém que é ‘grande enquanto homem’”. Já no segundo exemplo, “grande” predica a extensão de homem, ou seja, se “homem” for substituído por “operário”, o valor de verdade não será alterado.

Além dos fatores mencionados acima, que influenciam parcialmente a possibilidade de antepor um adjetivo, Perini et al. (1996) apontam alguns casos particulares, em que há adjetivos que só podem ser pospostos ou outros que só podem ser antepostos. Adjetivos como “próximo”, “mero”, “reles”, “sumo” e “meio” geralmente são antepostos ao núcleo. Por outro lado, adjetivos denominais, como papal e presidencial, e os invariáveis, como rosa, laranja etc., quase sempre aparecem pospostos.

Muller et al. (2002) propõem uma caracterização diferente da proposta por Perini et al. (1996) para dar conta da posição e interpretação dos adjetivos. Para explicar o fato de que “a interpretação atribuída a um adjetivo depende do tipo de relação que ele estabelece com o substantivo-núcleo do sintagma” (2002:323), dividiram-se os adjetivos pospostos, em relação ao nome-núcleo, em predicadores e argumentais.

Os adjetivos predicadores (Ex.: “grande”, “bonito”) apresentam propriedades predicativas, ou seja, podem ser parafraseados por uma relativa; podem ser usados como aposto; variam de grau, podem ser predicados de um ou mais lugares etc. Quando são predicados de mais de um lugar, são denominados relacionais e podem ser antepostos. Quando antepostos, “realizam uma operação semelhante à dos quantificadores, ordenando, graduando ou contando a denotação de seu nome-núcleo” (2002: 324).

Já os adjetivos argumentais não possuem propriedades predicativas, não apresentam variação de grau, não aceitam anteposição, aceitam prefixos numéricos e podem ser substituídos por expressões nominais, mais especificamente, sintagmas preposicionados (“pesquisa odontológica” / “pesquisa em odontologia”).

No caso da tradução, a anteposição ou não dos adjetivos, além de estar diretamente relacionada ao tipo de adjetivo e a restrições sintáticas e semânticas,

sendo estas bastantes relevantes, também pode se dever à quantidade de modificadores e à estranheza (e/ou peso) que essa quantidade provoca.

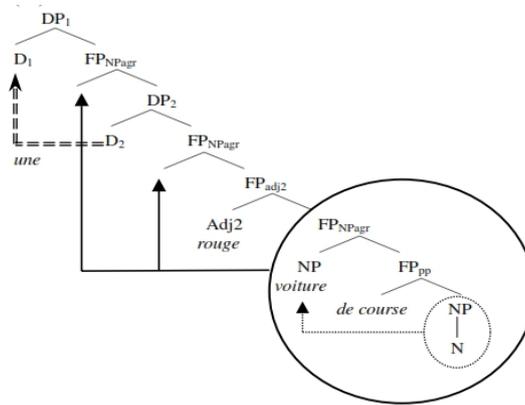
Quanto à ordenação dos adjetivos em português, há autores que defendem a utilização de um critério semântico. Por exemplo, Perini et al. (1996) revelam algumas condições semântico-pragmáticas que influenciariam a ordenação dos adjetivos no caso de um DP com mais de um modificador em língua portuguesa. Dentre elas, duas merecem ser comentadas: a condição X-C e a condição de restritividade crescente. É importante esclarecer que “X” representa o núcleo do DP (denominado pelos autores de “centro de referência”), e “C” significa “classificador”.

A condição X-C estabelece que um adjetivo com função classificadora deva ocorrer sempre após o núcleo. Por exemplo, “civil” em “engenheiro civil” classifica a palavra “engenheiro” (engenheiro que trabalha com construção). Já se houver uma expressão “engenheiro simpático civil”, o adjetivo “civil” não é classificador, mas sim qualitativo e serve para diferenciar este engenheiro de um engenheiro militar, por exemplo.

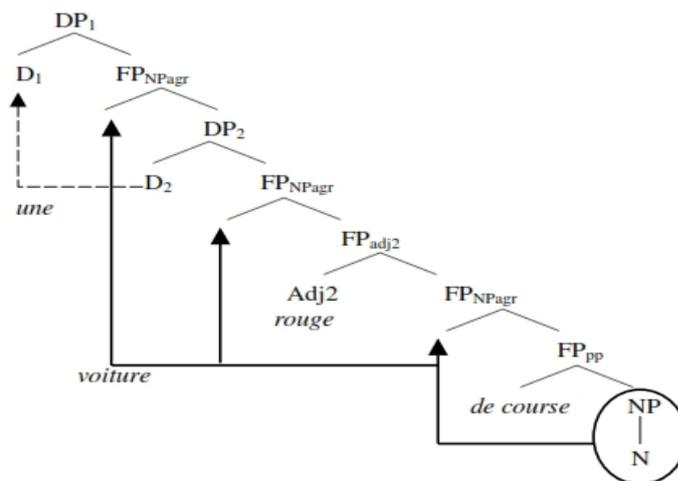
Segundo os autores, as exemplificações que fundamentam a condição de restritividade crescente são basicamente retiradas de textos técnicos. Tal condição estabelece que um adjetivo mais restritivo deva aparecer logo após o núcleo. Como é muito comum a ocorrência de compostos nominais com múltiplos modificadores em língua inglesa, a transposição desses compostos para o português obriga o tradutor a encontrar uma ordem mais natural para os termos; não basta simplesmente colocar um adjetivo do lado do outro. Na expressão “frota naval submarina”, “naval” é um adjetivo mais restritivo do que “submarina”; portanto, segundo os autores, deve vir logo após o núcleo. Contudo, quem não conhece o significado e o grau de especialização dos itens envolvidos pode aceitar “frota submarina naval”.

Com relação à ordenação entre adjetivos e PPs, Laenzlinger traz uma discussão interessante sobre DPs com múltiplos modificadores adjetivos e PPs em francês que pode ser relevante para se pensar no português. De modo sucinto, o autor afirma que a ordenação APs e PPs nas línguas românicas, tomando o francês como exemplo, é livre, sendo a força da ligação léxico-semântica basicamente o que influenciaria a preferência por uma ordenação em vez de outra (*une voiture de course rouge* x *une voiture rouge de course* “um carro de corrida vermelho” x

“um carro vermelho de corrida”, por exemplo). No primeiro caso, segundo o autor (2000: 87-88), haveria o movimento cíclico de  $FP_{NP}^{75}$  mais baixo até o especificador  $FP_{NP}$  mais alto na estrutura do DP, conforme abaixo. Como  $FP_{NP}$  mais baixo contém tanto o substantivo (após o alçamento do NP) quanto o modificador PP, a derivação resultante é *voiture de course rouge*.



Já no segundo, haveria o alçamento apenas do NP *voiture* para as projeções funcionais. PP ocorreria no especificador de  $FP_{NP}$  e o NP contendo *voiture* seria alçado ciclicamente do especificador de  $FP_{NP}$  (situado mais baixo na árvore) para o especificador de  $FP_{NP}$ . Após um curto movimento de D, obtém-se *une voiture rouge de course*, conforme árvore representada abaixo, retirada de Laenzlinger (2000: 88).



Cinque (2007: 13-14) demonstra, por meio de exemplos em italiano, que a posição do adjetivo com relação ao núcleo e o PP pode variar nas línguas românicas, gerando leituras diferentes, dentre elas algumas ambíguas e outras não

<sup>75</sup> FP = Functional projection (projeção funcional).

ambíguas. Segundo o autor, nas línguas românicas, enquanto os adjetivos pós-nominais que ocupam a posição entre o núcleo e o PP podem ser adjetivos de modificação direta ou indireta, ou seja, respectivamente, modificadores sintagmáticos diretos de núcleos funcionais de projeções estendidas de N ou predicados de orações relativas reduzidas, os que ocorrem após o PP são necessariamente adjetivos de modificação indireta.

A leitura não ambígua é exemplificada por “Os ativos operários de Megara certamente receberão o prêmio” (todos os operários de Megara, que são ativos, receberão o prêmio), em que se percebe uma interpretação não restritiva.

Já a estrutura ambígua pode gerar tanto uma interpretação não restritiva como uma restritiva e isso depende de onde surge o adjetivo, segundo Cinque. Se o adjetivo for concatenado como um modificador direto e o NP for movido para antes dele, será dada origem a uma interpretação não restritiva. Já se ele for concatenado em uma projeção mais elevada, como o predicado de uma oração relativa reduzida, e o NP e seus modificadores diretos forem movidos para antes dele, será obtida uma estrutura com leitura restritiva, como em “Os operários ativos de Megara certamente receberão o prêmio” (dentro dos operários de Megara, apenas os ativos receberão o prêmio). Há também uma construção que é não ambígua: “Os operários de Megara ativos certamente receberão o prêmio”. De acordo com Cinque (2007: 14), nesse exemplo, só é possível fazer uma leitura restritiva dos adjetivos de modificação indireta, ou seja, que surgem na posição de predicados de orações relativas reduzidas.

Essa última configuração, N + PP + Adj., dependendo dos gêneros dos modificadores, pode gerar uma leitura potencialmente ambígua, como em “o ponteiro do relógio vermelho”, que será comentado na subseção 5.2.4. A ordenação desse tipo de estrutura em português é, portanto, importante para se evitar possíveis ambiguidades, devendo ser levada em consideração na tradução.

### 5.2.2

#### **A falta de elementos que explicitem a relação entre os termos do DP**

Além da diferença de ordenação dos modificadores entre o inglês e o português e da maior flexibilidade de ordenação dos modificadores adjetivos e PPs na estrutura em língua portuguesa serem potencialmente elementos

dificultadores na tradução, a concisão da estrutura do DP em inglês com modificadores adjetivos e substantivos também pode contribuir para uma maior dificuldade na tradução.

Em língua inglesa, sintagmas como *polar region* (“região polar”) e *lab equipment* (“equipamento de laboratório”) seguem um padrão que apresenta poucas exceções. Sendo assim, as relações semânticas de modificação são preservadas pela configuração sintática dos sintagmas (modificador + núcleo).

No entanto, a identificação do tipo de relação semântica entre um termo e outro depende do contexto, do conhecimento de mundo do falante e da intenção do mesmo. Ademais, à medida que o sintagma é expandido (*lab equipment factory* – “fábrica de equipamento para laboratório”, por exemplo), a identificação das relações de modificação entre os termos torna-se mais difícil e ambígua para o falante de inglês como L2, aumentando, possivelmente, a demanda cognitiva durante o processamento e a interpretação desse tipo de estrutura, o que torna a concisão mais um elemento complicador para a tradução dos DPs complexos.

A falta de elementos que explicitem a relação entre os termos do DP em inglês, como as preposições, também pode dificultar a compreensão da relação semântica entre os termos da estrutura e, conseqüentemente, comprometer a tradução. *Beach house*, por exemplo, pode gerar três traduções diferentes (“casa na praia”, “casa da praia” e “casa de praia”). Embora tenham o sentido bastante próximo, não comprometendo, portanto, o resultado tradutório como um todo, talvez um contexto específico exija que se utilize uma opção em vez da outra.

Em português, as relações entre os termos são teoricamente mais explícitas, dada a disponibilidade de um rico repertório de preposições na língua, com cada uma delas desempenhando funções especializadas (Diniz, 2010). No entanto, apesar da gama de preposições, “de” é a mais utilizada. Isso ocorre porque a preposição “de” é mais vazia semanticamente do que as outras, ou seja, “não demonstra um conteúdo nocional claro” (Avelar, 2006: 2). Sendo assim, “de” substitui muitas preposições e sua função “coringa” pode ser um recurso bastante utilizado nas traduções que apresentam um PP como um dos modificadores quando não se sabe a relação semântica entre um termo e outro de

um DP em inglês. Ademais, quando há vários PPs como modificadores, é necessário ficar atento a ambiguidades e a possíveis mudanças de significado<sup>76</sup>.

### 5.2.3 A possível ambiguidade estrutural

Cabe destacar que, em DPs complexos com múltipla modificação, há ainda outro complicador, que é a possível ambiguidade estrutural. A ambiguidade estrutural se dá devido à variedade de possibilidades de relações de modificação dentro de um DP com múltipla modificação. Para traduzir o DP corretamente, ou seja, de acordo com o contexto, é necessário depreender a relação de modificação entre os elementos de uma estrutura em inglês. Por exemplo, para um DP com três constituintes, é necessário primeiro verificar se há um alinhamento à direita, como em [*car [radio equipment]*] “equipamento de rádio para o carro” ou à esquerda [[*car radio*] *equipment*] “equipamento para o rádio do carro”. Muitas vezes, ambas as modificações são possíveis, sendo o contexto, portanto, fundamental para desambiguar as estruturas.

A ambiguidade estrutural é objeto de investigação na área de processamento da linguagem, uma vez que pode levar a uma situação de *garden-path*<sup>77</sup>, em que o leitor tem de tentar sair do labirinto em que se encontra através da reanálise de determinada estrutura<sup>78</sup>.

<sup>76</sup> Um exemplo percebido na fala foi a estrutura “chegada ao país de Obama”, pronunciada em um telejornal, enquanto, na verdade, Obama estava chegando ao Brasil (chegada de Obama ao país). A estrutura  $N_{\text{deverbal}} + \text{PP (complemento)} + \text{PP adjunto adverbial de lugar}$  seria a ordenação não ambígua. É importante ressaltar que, embora tal exemplo tenha sido retirado do discurso oral e, muito provavelmente, na escrita, a ambiguidade fosse percebida e desfeita, deve-se prestar a atenção na ordenação dos PPs, pois a inversão da mesma pode acarretar ambiguidade e significados bastante distintos, conforme evidenciado pelo exemplo, podendo comprometer a veracidade da informação.

<sup>77</sup> A Teoria do *Garden-Path* é um modelo modular e serial de processamento de frases que tenta prever como se dá o *parsing* de frases e a concatenação dos elementos nas mesmas. Em situações de ambiguidade estrutural, o *parser* (o analisador sintático, responsável pelo processamento sintático das estruturas) entra em um labirinto, sendo necessária a reanálise da estrutura. A Teoria do *Garden-Path* tentou “explicar as preferências do *parser* postulando princípios de construção da estrutura superficial sensíveis tanto à competência gramatical quanto aos limites da memória de trabalho” (Maia e Finger, 2005: 18).

<sup>78</sup> Em situação de fala, a prosódia pode auxiliar a desambiguar determinada estrutura. De acordo com Corrêa, (2010), “constatam-se efeitos de prosódia na segmentação do material linguístico a ser processado e estes podem afetar o modo como falantes de diferentes línguas solucionam ambiguidades estruturais”. A prosódia parece ser suficiente para orientar as ações do *parser*. No entanto, ela pode funcionar muito bem para o falante nativo, mas não para o tradutor, que, normalmente, não é nativo no idioma do texto-fonte e está lidando com o texto escrito. O papel da prosódia implícita na leitura silenciosa também tem sido considerado em uma série de trabalhos

Ainda em relação ao *garden-path*, seria interessante verificar se a estrutura Adj. + Sub. + Sub. faz o tradutor cair em um “labirinto”. Por exemplo, ao encontrar a estrutura Adj. + Sub., será que o tradutor “fecharia” a análise da estrutura nesse ponto e, ao se deparar com outro substantivo, faria uma reanálise?

É importante destacar que, embora essa possibilidade possa estar relacionada ao fato de o tradutor não perceber a diferença entre as duas línguas quanto à posição do núcleo e dos modificadores, parece que a estratégia de tomar o primeiro N como núcleo também é observada em falantes nativos. Staub *et al.* (2007), em experimento<sup>79</sup> que avalia o efeito da plausibilidade da análise do substantivo crítico (o primeiro substantivo da esquerda para a direita) como núcleo da estrutura na duração da fixação do olhar durante a leitura de sentenças, com evidências de compostos N + N, afirmam que, inicialmente, o *parser* analisa o primeiro substantivo como núcleo, havendo a necessidade, portanto, de reanálise, para identificar de forma correta o núcleo do composto. Os autores observaram que a implausibilidade com relação à tomada do primeiro substantivo como núcleo acarretou um tempo de leitura muito maior do substantivo crítico. Por exemplo, os participantes levaram mais tempo na leitura do substantivo *automobile* em *The mechanic listened to the automobile radio on his lunch break* (O mecânico ouviu o rádio do carro no intervalo da hora de almoço) do que na leitura do mesmo substantivo em *The mechanic repaired the automobile radio on*

---

(cf. Finger e Zimmer e Lourenço-Gomes, Maia e Moraes *apud* Maia e Finger (2005). Para o papel da prosódia no âmbito da leitura de compostos nominais, considere a nota 66.

<sup>79</sup>No experimento realizado com 42 falantes nativos de língua inglesa por Staub et al. (2007), os participantes liam as frases contendo compostos relativamente familiares ou novos, como, respectivamente, *Sam (tried out/stood behind) the **shower curtain** to be sure it was the right size* [Sam (testou/ficou atrás da) **cortina do banheiro** para certificar-se de que era do tamanho certo] e *The new principal (visited/talked to) the **cafeteria manager** at the end of the school day* [O novo diretor (visitou/falou) sobre o **gerente da cafeteria** no final do expediente da escola]. Após terem visto 30% das frases, eles tinham que responder sim/não às perguntas relativas à compreensão dessas sentenças. Antes da atividade de leitura, os participantes avaliaram a plausibilidade do substantivo crítico numa escala de 1 a 5, do menos plausível para o mais plausível (os participantes viam apenas uma versão de cada sentença). Cada sentença era dividida em quatro regiões (região antes do composto, do modificador, do núcleo e após o composto). Para cada uma delas, foi computada, com o auxílio do rastreador ocular, a duração da fixação do olhar e também os movimentos regressivos fora de uma dessas regiões durante a primeira passada do olhar. Os resultados apontaram que a implausibilidade de se tomar o substantivo singular como núcleo da sentença levou a um maior tempo de leitura da mesma. No entanto, assim que os olhos do leitor se moviam para a palavra seguinte, ou seja, o núcleo da estrutura, o leitor se recuperava dos efeitos provocados pela implausibilidade da análise inicial. Os resultados sugerem que o tempo de leitura maior do substantivo crítico não é devido à antecipação da identificação de uma possível condição implausível de uma relação temática. Como no experimento de Staub et al. (2007) os substantivos singulares críticos funcionavam como modificadores e foi obtido o efeito precoce, parece, segundo os autores, “que o *parser* tem uma preferência inicial por analisar um substantivo singular como um núcleo em vez de um modificador”.

*his lunch break* (O mecânico consertou o rádio do carro no intervalo da hora de almoço).

Será pertinente verificar se os resultados dos experimentos da presente pesquisa apontam algumas pistas para um possível efeito de *garden-path* em alguns tipos de DPs complexos com múltiplos modificadores. A necessidade de reanálise e a diferença de ordenação do inglês e português serão retomadas e atreladas a custo de processamento no capítulo 6.

#### 5.2.4

#### **A variedade de estruturas correspondentes em português para os DPs complexos com múltipla modificação em inglês**

Conforme já mostrado na seção 5.1, a variedade de estruturas correspondentes em português para os DPs em inglês também pode acarretar dificuldades no momento da tradução em si, uma vez que é necessário atentar para a ordenação que evite ambiguidades, como no caso de estruturas com modificadores adjetivos e PPs. A dificuldade consistiria na ordenação dos modificadores. Conforme já mostrado, a ordem N + PP + Adj. pode acarretar ambiguidade, como em “ponteiro do relógio vermelho” para *red watch hand*. Nesse caso, o ponteiro ou o relógio seria vermelho? Caso o ponteiro seja vermelho, a preferência talvez seja pela colocação do adjetivo mais próximo do núcleo (ponteiro vermelho do relógio) justamente para evitar a possível ambiguidade. A ordenação de Adj. e PPs será retomada mais adiante, nos capítulos 7, 8 e 9. Ainda, no caso de traduções com PP(s), a dificuldade do tradutor é encontrar a preposição mais adequada para o contexto dentre as diversas que existem.

O trecho abaixo, retirado de Alves (1996: 78), mostra a dificuldade enfrentada pelos tradutores quando traduzem DPs complexos com relação à organização da estrutura. Apesar de o exemplo ser em alemão, tal dificuldade é igualmente enfrentada na tradução do inglês para o português. O sintagma a seguir foi traduzido por alguns informantes do português brasileiro e europeu, que verbalizaram suas opções:

*Die MS Kemnade, ein schmuckes, weißes Fahrgastschiff*

(O MS Kemnade, um barco de passageiros enfeitado e branco)

Verbalizações:

(1) “O MS Kemnade, um agradável barco de passeio branco. Não, não gosto! Eu vou tirar o branco. O barco vai ficar incolor. Não faz mal. Não fica bem!”

(2) “Algumas coisas eu tiro fora, sabe... Um bonito branco navio... Não sei. Eu achei que teria que pôr outra forma. Tirei o branco. Eu tiraria o bonito talvez também”.

(3) “Tem ao seu dispor um lindo barco. Um bonito, pois, um bonito. Lindo é melhor que bonito. Tem um lindo. Tem ao seu dispor um lindo barco de passageiros. Branco. Eu aqui não vou pôr branco. Que não dá!”

(4) “Um schmuckes, weißes Fahrgastschiff. Aqui dá pra fazer uma aliteração que eu gosto. Um bonito barco branco. Eu gosto! Um bonito barco branco”.

As verbalizações reproduzidas acima mostram a preocupação dos tradutores quanto à ordenação dos termos em um DP e a quantidade de modificadores, que, em excesso, não soa natural em língua portuguesa. Uma dificuldade adicional, portanto, seria decidir traduzir ou não todos os modificadores presentes na estrutura em inglês. Muitas vezes, o tradutor opta por não utilizar um modificador presente no DP original e tenta compensar em outra parte do texto.

No capítulo 7, que aborda o estudo inicial realizado com tradutores experientes, a análise dos dados do Translog© e do Camtasia© poderá fornecer informações sobre as modificações realizadas pelos participantes nos DPs traduzidos e se eles optam por suprimir ou deslocar algum modificador no caso de excesso de modificadores adjetivos e substantivos, por exemplo.

Em síntese, as principais dificuldades enfrentadas na tradução de DPs são:

- ✓ A diferença de ordenação dos elementos na estrutura do DP complexo com múltipla modificação entre o inglês e o português, que ocasiona a pré-modificação em inglês e, em geral, a pós-modificação em português;

- ✓ A falta de elementos que explicitem a relação entre os termos do DP;
- ✓ A possível ambiguidade estrutural;
- ✓ A variedade de estruturas correspondentes em português para os DPs complexos com múltipla modificação em inglês.

Apresentadas as principais dificuldades observadas na tradução de DPs, cabe verificar que tipo de custo que acarretam, que será o tema do próximo capítulo.